

# VOLTAR À ANTIGUIDADE? A VISÃO HOLÍSTICA DO HOMEM, SUA PERDA, SUA RETOMADA

*RETURN TO ANTIQUITY? THE HOLISTIC VISION OF THE MAN, HIS LOSS  
AND HIS RESUMPTION*

**KARLA VASCO COTTA<sup>1</sup>**

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) – Brasil  
karlacotta@terra.com.br

**RESUMO:** Neste estudo abordaremos algumas etapas da concepção holística que caracteriza as relações entre o homem, o cosmo e a sociedade na época das Antiguidades Arcaica e Clássica; a transformação da visão holística como consequência da alteração da concepção do homem ao longo da época moderna; para terminar com uma reflexão que destaque a necessidade de voltar à humanização. Na primeira parte nossa atenção estará direcionada, especificamente, para a perspectiva holística com a qual a filosofia e a medicina inauguraram o estudo propriamente antropológico. Em seguida, será examinado o momento de passagem da visão holística para uma concepção mecanicista do homem e das práticas sociais que o veem como objeto de estudo e de cuidado. Por fim, gostaríamos de destacar os esforços que estão sendo efetuados para voltar a uma visão global na qual o homem, a sociedade e a natureza fazem parte de um único e mesmo sistema orgânico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antropologia. Medicina. Holismo. Mecanicismo. Globalidade.

**ABSTRACT:** *In this article we'll analyze some effects of the holistic conception that characterizes the relationship between human beings, Kosmos and society in the Archaic and Classic Ages; the transformation of the holistic view as a consequence of the new conception of man in the Modern Age; and finally the need to return to promoting humanization in the context of the area of medicine. In the first part, our attention will be specifically addressed to the holistic perspective with which philosophy and medicine inaugurated the anthropological study. Then we'll examine the moment of transition from the holistic view to a mechanistic conception of man and social practices that investigates human beings as an object of study. Finally, we'll show the effort made to return to a global vision in which man, society and nature are part of one and the same organic system.*

**KEYWORDS:** *Anthropology. Medicine. Holism. Mechanics. Globality.*

## INTRODUÇÃO

Nas primeiras páginas do diálogo platônico *Carmides* Sócrates se pronuncia a favor de uma prática médica que não esteja restrita apenas ao particular, transcurando a totalidade do paciente para se concentrar apenas no sintoma que é preciso curar. Os medos que Platão nutria em sua época concretizaram-se na prática médica contemporânea. Quem procura um médico para indagar uma dor em um órgão corpóreo enfrenta um especialista que não está interessado no vivido

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Filosofia na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

do paciente, visto que o aspecto íntimo do sujeito não levará o médico a ter mais conhecimentos acerca dos sintomas envolvidos. No momento em que o paciente se direciona ao médico, sua mente elimina automaticamente os dados que considera inúteis para se concentrar apenas nos pormenores nosológicos. Do ponto de vista profissional, o médico não está interessado no homem como pessoa, mas na doença que deve ser sanada.

O fundamento da medicina na Antiguidade Clássica move os passos a partir de pressupostos de tipo holístico que não consideram apenas a importância do bem-estar do corpo, mas leva em conta também o vivido do paciente, considerado um possível responsável por ter desencadeado a nosologia. Como diz Platão, não é possível cuidar dos olhos se, anteriormente, não se cuida da cabeça, e é necessário considerar o bem-estar do corpo e, antes dele, o bem-estar da alma (*Carmides* 165e).

A visão holística da medicina hipocrática e platônica foi se perdendo ao longo da Idade Moderna e na medicina contemporânea, devido ao advento da visão cartesiana do homem – máquina. Este tipo de perspectiva filosófico-científica, de um lado, abriu novas descobertas no âmbito científico e médico, de outro, contribuiu para uma visão reducionista do homem que se sente rebaixado ao nível de um objeto e de um conjunto de peças mecânicas trocáveis.

Nas últimas décadas, porém, os limites da concepção mecanicista vieram à tona e se abriram debates para problematizar o uso excessivo de meios tecnológicos nas práticas do cuidado humano, ao ponto de se perguntar se uma volta à medicina holística não traria benefícios, não apenas para o paciente, mas também para os profissionais envolvidos nas práticas médicas, científicas e sociais.

Em vista de apresentar e problematizar esta situação, percorreremos as seguintes etapas ao longo do presente texto: a) destacaremos algumas características que marcaram a visão holística nos tratados de medicina hipocrática e na antropologia platônica do *Timeu*; b) abordaremos, em seguida, a ruptura do vínculo entre cosmo e homem provocado pela irrupção da filosofia moderna com o advento do mecanicismo e o domínio da filosofia cartesiana. c) evidenciaremos as consequências da revolução científica, os prós e contras deste cenário com relação ao cuidado humano; d) finalizaremos o estudo com uma breve análise do projeto de voltar para uma visão global nas relações entre o homem e a sociedade.

## I A ORIGEM DO PENSAMENTO HOLÍSTICO

Nos séculos V e IV a.C. a análise da natureza humana é realizada em conjunto com a descrição da constituição cósmica. Tanto os médicos quanto os filósofos descrevem, em um primeiro momento, o horizonte no interior do qual será colocada a reflexão antropológica: o cosmo.

As teorias fisiológicas estão fortemente ligadas às teorias cosmológicas dos séculos VI e V a.C. Os elementos constituintes do corpo humano refletem os constituintes cósmicos. Os quatro elementos definidos pela primeira vez por Empédocles, ar, água, terra e fogo, encontram correspondência com os quatro

humores, sangue, fleuma, bile amarela e bile negra, e nas respectivas características, úmido quente, úmido frio, seco quente e seco frio. Os componentes elementares são o fogo, seco e quente e a água, úmida e fria. Os alimentos compartilham as mesmas características dos elementos humanos (quente, seco, úmido e frio) (GARCIA SOLER, 2004).

Esta analogia oferece ao médico a possibilidade de prever quais seriam as condições possíveis em que haveria a produção e o desenvolvimento de doenças, lhe dando a possibilidade de prescrever um “regime” capaz de adicionar ou subtrair aquele elemento que possa contrastar o desenvolvimento da doença. Na linguagem moderna, o termo dieta faz alusão principalmente aos alimentos e às bebidas, ao passo que na Grécia Antiga, o mesmo tem um sentido bem mais amplo de estilo de vida<sup>2</sup>.

O médico deve conhecer o poder (*dynamis*) dos alimentos e das bebidas, assim como a intensidade deles. O estado de saúde é o resultado da *mixis*, da mistura, das potências dos alimentos e da harmonia entre a força dos alimentos e o equilíbrio dos humores corpóreos. Quando uma ou mais substâncias existem em quantidade excessiva, a saúde se altera<sup>3</sup>.

A vitória de um ou mais contrários sobre o outro quebra o equilíbrio e ameaça a saúde.

Escreve Alcmeon de Crotona, médico da escola itálica:

A constituição da saúde é o equilíbrio das propriedades do úmido, do seco, do frio, do quente, do amargo, do doce e dos restantes. E a monarquia entre eles produz a doença, pois a monarquia de cada uma é o que causa destruição. Assim a doença sobrevém, por um lado quando há um excesso de calor ou de frio, por outro, quando devido a abundância ou a carência de um alimento, o que ocorre em partes com o sangue, a medula ou o cérebro. Essas partes podem também ser afetadas por causas externas, como a qualidade das águas, a influência da região, ou pela fadiga (ALCMEON, fr .4 DK, *apud* GARCIA SOLER, 2004).

Outros fatores que o médico deve levar em conta, além da necessidade de conhecer a natureza humana, é o poder dos alimentos e os efeitos das atividades físicas, o lugar onde o indivíduo habita, o clima, o regime dos ventos, as mudanças das estações, as mudanças climatológicas quotidianas (*Regime* I 2, 2; III 67.2).

Esquemáticamente, o médico hipocrático deve levar em consideração: a) os tipos de alimento consumidos e os horários nos quais são ingeridos; b) as atividades físicas, levando em conta o tipo de atividade e o horário em que a

<sup>2</sup> No regime estão incluídos os exercícios, os alimentos, o local de moradia, o regime dos ventos, as mudanças das estações, e a climatologia (GARCIA SOLER, 2004). Como diz Galeno: “Chamo de regime não apenas aquilo que se come, mas também aquilo que concerne todo o restante, por exemplo: as ciestas, os exercícios, os banhos, a atividade sexual, o sono, a insônia e todos os outros fenômenos que afetam de qualquer modo o corpo humano” (GALENO, XVII 660, KUHN, Tradução do autor).

<sup>3</sup> De acordo com muitos filósofos pré-socráticos, entre os quais se destaca a escola pitagórica, a realidade é constituída por qualidades contrárias que devem se encontrar em equilíbrio para se combinar em sistemas mais complexos.

mesma é praticada; c) a atividade profissional do paciente, para que o especialista possa estar ciente da classe social à qual ele pertence; d) o âmbito geográfico; e) o clima.<sup>4</sup>

Brevemente, o equilíbrio entre os alimentos e os exercícios garante a saúde humana ameaçada pelos fatores climáticos, as qualidades das águas e das regiões nas quais o indivíduo vive, ou pela vida ociosa que o indivíduo adota.

As teorias fisiológicas estão fortemente ligadas às teorias cosmológicas dos primórdios da filosofia, isto é, na doutrina dos filósofos pré-socráticos, assim como nas filosofias de Platão e Aristóteles. Mais especificamente,

A descoberta do pensamento natural grego constituiu um reconhecimento de que o todo é um ordenamento no qual todos os processos na natureza se repetem e decorrem em cursos determinados. Natureza é, portanto, como algo que mantém a si mesmo e se mantém por si mesmo nas suas trajetórias. Esse é o pensamento básico da cosmologia jônica, no qual todas as representações cosmológicas cumprem a sua função de que, no final, a grande ordem equilibradora do acontecimento alterante determina tudo como uma justiça natural (GADAMER, 2006, p. 44 e 45).

O *Timeu* é um diálogo primeiramente cosmológico, além de antropológico, ético e político. Platão descreve inicialmente o horizonte no interior do qual põe a reflexão antropológica. Na parte inicial do *Timeu*, o protagonista apresenta uma descrição do universo, sua formação e sua constituição. O objetivo é mostrar como a formação do universo tem por fim situar o homem no ambiente que lhe é próprio e com o qual tem interação para a sua manutenção, assim como destacar a relação entre ambos a respeito da constituição física, psíquica e ao destino dos dois (MIGLIORI 2003).

A relação entre a natureza e o homem constitui uma questão amplamente debatida nos séculos V e IV antes de Cristo e os escritos de Platão contêm importantes indicações deste debate. Nos diálogos *Timeu* e *Crítias*, Platão defende a ideia de que a natureza é o pano de fundo, contemplando o qual o homem traz as leis pela constituição da cidade e pela conduta reta da alma. O protagonista, Timeu, justifica no prólogo as razões pelas quais é necessário primeiramente descrever a constituição do cosmo tendo em vista a descrição da formação humana. O homem é parte integrante de um contexto maior, que o transcende e do qual depende e que ele mesmo influencia. Platão lança mão no *Timeu* de um tipo de conhecimento que ele designa no *Fédon* como “investigação sobre a natureza”, já iniciada pelos filósofos ao longo dos séculos VI e V a. C., como reconhece o filósofo ateniense. Esse tipo de saber envolve algo maior do que na contemporaneidade se entende como a expressão “ciência da natureza”. Brisson e Macé (2011, 102) explicam que “o termo *physis* designa, no grego, o princípio que

<sup>4</sup> Mais do que isso, a “compleição” física (condição fisiológica do indivíduo, pode ser mais seco, ou mais úmido); a idade e o sexo; o sono; os sonhos; a frequência das atividades sexuais; a região em que o indivíduo habita; a posição da casa (em relação ao vento e ao sol); os alimentos que o paciente tem à disposição (GARCIA SOLER, 2004).

preside ao nascimento e ao desenvolvimento de todas as coisas, tanto o céu e sua ordem, quanto a terra, os seres vivos, entre os quais o homem, e as sociedades em que eles se reúnem”.

Segundo Casertano (2010, 209), o *Timeu* é um diálogo que enquadra a política da cidade num horizonte “cósmico”, no qual a vida, os fatos, a história da cidade dos homens se encontram inseridos numa vida e numa história muito mais amplas: as do universo inteiro. Com efeito, o núcleo principal do diálogo é a formação do cosmos, das espécies animais, vegetais e da espécie humana, em toda sua complexidade.

Frias (2005, p. 86) deixa claro que “[...] O interesse de Platão pelo estudo do universo liga-se ao conhecimento que dele possa derivar para a compreensão do homem e para melhor disposição da sociedade humana”. O que pareceu importante destacar é o fato de que o homem se coloca como centro das preocupações de Platão neste diálogo, embora o texto esteja consagrado, em parte, a uma pesquisa cosmológica. O homem é o fundamento estrutural do *Timeu*, uma vez que é ele o elemento em vista do qual Platão realiza a descrição da constituição do cosmo, e justifica a hipótese da constituição política ideal na *República*. Defende-se a hipótese de que o interesse de Platão pelo estudo do universo liga-se ao conhecimento que dele possa derivar para a compreensão do homem e para uma melhor organização da sociedade humana. Dito de outra forma, o homem é o “in vista de que” Platão pensa sua cosmologia.

Acredita-se que o *Timeu* fornece uma fundamentação cosmológica à antropologia, à ética, e à política já descritas na *República*. Como na *República* há uma analogia entre a constituição da cidade e a constituição da alma, assim também no *Timeu* há uma analogia entre a constituição do cosmo, a constituição do homem e a constituição da cidade.

Com efeito, para que o homem possa bem conduzir a sua própria vida e manter a boa constituição do corpo e da alma, se torna necessário, primeiramente, conhecer a constituição e as leis da natureza. Desse modo, na Grécia arcaica e clássica é desconhecida a ideia de homem enquanto sujeito individual e pessoa inaugurada pela tradição cristã. Para os gregos da época de Platão, o indivíduo não tem valor algum. O valor do indivíduo se encontra no fato de estar inserido no interior da comunidade, na *Polis*. O sujeito é a cidade, e os indivíduos recebem reconhecimento apenas enquanto membros da comunidade, enquanto cidadãos. O grupo é o fundamento da vida e o indivíduo encontra a sua própria realização no interior da comunidade. A mesma identidade que o indivíduo reivindica para si mesmo é o resultado da relação e do reconhecimento da comunidade.

Assim sendo, o mais importante e preliminar à vida da cidade é o conhecimento do homem. Mas o homem é parte integrante da natureza. Sua constituição e seu desenvolvimento respeitam as mesmas leis da natureza. Só conhecendo as leis da natureza o homem pode dirigir bem a sua própria vida e realizá-la de maneira convincente.

Platão não vê o homem como um ente diferente e contraposto à natureza. Não há em Platão a ideia do homem, “sujeito”, que explora a natureza e o cosmo

como “objetos” a serem conhecidos. Conhecendo a constituição da natureza, o homem se conhece a si mesmo. Não apenas o homem é colocado na natureza, mas sim, o homem é si mesmo natureza, e para que ao homem se torne possível conhecer a si mesmo como manda o oráculo de Delfos, é necessário que conheça a natureza.

Aristóteles mantém a visão holística por achar que a matéria continha a natureza de todas as coisas, isto é, os quatro elementos, ar, fogo, terra e água. A característica marcante de sua filosofia é a visão do mundo como algo orgânico. Essa visão dominou a história do pensamento durante toda a Idade Média e mudou somente a partir dos séculos XVI e XVII com a revolução científica.

## 2 A REDUÇÃO DO HOMEM À MAQUINA

O desenvolvimento científico desencadeado pela revolução dos séculos XVI e XVII impactou as mais diversas áreas da sociedade moderna, entre as quais a medicina. Neste âmbito surgiu, se desenvolveu e se consolidou o modelo biomédico, o qual contribuiu para a perda da visão holística do homem e foi um elemento entre outros que desencadeou o processo de desumanização no campo da saúde. Médicos e biólogos dedicaram suas pesquisas para as entidades menores do corpo humano, provocando uma visão reducionista do organismo. Esta abordagem é apresentada a partir da obra de Fritjof Capra *O ponto de Mutação*. Assim sendo, para tratar os fundamentos históricos do modelo biomédico, o nosso estudo recorrerá a esta obra. Até o século XVI, a maioria das civilizações então conhecidas tinha uma percepção orgânica do mundo.

Da medicina grega dispomos de um rico material ilustrativo de como clima e estação do ano, temperatura, água e alimentação, em suma, como todos os fatores climáticos e ambientais contribuem para a concreta constituição do ser, de cuja recuperação se trata. O contexto no qual a parte tratada se encontra permite ainda, porém, uma outra conclusão. A natureza do todo abrange o conjunto da situação vital do paciente, até mesmo da do médico. [...] Doença, perda de equilíbrio, não significa apenas um fato médico-biológico, mas também um processo histórico de vida e um processo social (GADAMER, 2006, p. 49 e 50).

De acordo com Capra (1982), a vida se organizava em pequenos grupos cujos vínculos com a natureza se definiam pela correlação entre os eventos espirituais e os materiais, estando as necessidades comunitárias acima das particulares.

Ainda segundo Gadamer,

A ciência natural moderna não é, em primeira linha, ciência da natureza, no sentido de um todo que se auto-equilibra. O que a fundamenta não é a experiência da vida, mas a experiência do fazer, não é a experiência do equilíbrio, mas a da construção planejada. Para muito além da esfera da validade de ciência especial, ela é, conforme a sua essência, mecânica, quer dizer, uma

produção engenhosa de efeitos que não aparecem por si mesmos (GADAMER, 2006, p. 47).

Paulatinamente, essa ideia cedeu lugar a uma nova noção de mundo. Os estudos revolucionaram principalmente a física e a astronomia em consequência dos trabalhos de Copérnico, Galilei, Bacon, Descartes, Newton, entre outros. Tais estudos levaram os setores sociais de modo geral a adotar uma nova postura frente ao homem e à natureza baseada no modelo analítico – reducionista cartesiano. Esse modelo, caracterizado pela objetividade e cientificidade, aos poucos foi ganhando espaço por suas características de universalidade, de certeza e evidência entre os cientistas. O interesse dos pesquisadores se transferiu do todo para o estudo de partes cada vez menores (CAMPOS, 1997)<sup>5</sup>.

O modelo reducionista tem suas referências históricas ligadas à conjuntura do período Renascentista, marcado por importantes transformações sociais. Entre as principais destacam-se a Reforma Protestante; e a Revolução Científica, que empreende a busca de novas possibilidades para a pesquisa científica, adota o modelo heliocêntrico e passa a ver a natureza como detentora de um linguajar matemático, superando o modelo escolástico, característico do final da Idade Média, que procura harmonizar a fé e a razão (MARCONDES, 2005).

Foi Galileu Galilei que provocou uma transformação ainda mais profunda na opinião científica da época, quando, de forma pioneira, aliou experimento científico ao jargão matemático para estruturar as leis da natureza.

De acordo com Capra:

Os dois aspectos pioneiros do trabalho de Galileu – a abordagem empírica e o uso de uma descrição matemática da natureza – tornaram-se as características dominantes da ciência do século XVII e subsistiram como importantes critérios das teorias científicas até hoje (CAPRA, 1982, p. 50-51).

Ao mesmo tempo que Galileu desenvolvia seus estudos na Itália, Francis Bacon na Inglaterra foi o precursor do método experimental, defendendo o pensamento crítico e o método indutivo. A análise do funcionamento da natureza permite a Bacon prever e monitorar os fenômenos físicos da forma mais vantajosa para o homem. A filosofia de Bacon, assim como a cartesiana, é marcada por um claro rompimento com a tradição que o antecede (CAPRA, 1982).

O pensamento baconiano alterou de maneira profunda a essência e o objetivo da pesquisa científica que, até então, tinha como propósito a convivência em equilíbrio com a natureza. Em decorrência das ideias do inglês, o intuito científico passou a ter como alvo comandar e administrar a natureza, o que se reflete ainda hoje na área técnico-científica, que em muitos setores age de forma marcadamente eco destrutiva (CAPRA, 1982).

No entender de Capra:

---

<sup>5</sup> Cf. também SANTOS, 2012.

O antigo conceito da Terra como mãe nutriente foi radicalmente transformado nos escritos de Bacon e desapareceu por completo quando a revolução científica tratou de subestimar a concepção orgânica da natureza pela metáfora do mundo como máquina. Essa mudança, que viria a ser de suprema importância para o desenvolvimento subsequente da civilização ocidental, foi iniciada e completada por duas figuras gigantescas do século XX: Descartes e Newton” (CAPRA, 1982, p. 52).

É nessa atmosfera, marcada por um período de transição, que os estudos de Descartes, tido como um dos fundadores da filosofia moderna, ganham contornos cada vez mais nítidos. Não acatando mais os fundamentos da tradição medieval, Descartes tem por objetivo organizar um novo modelo de pensamento. Persuadido de que a forma de manifestação da natureza é matemática, ele só admite como verdadeiro o que pode ser concluído com a nitidez de uma argumentação dedutiva.

Esse modelo científico essencialmente materialista levou à desvinculação entre homem e natureza, e entre corpo e mente, e foi se sedimentando aos poucos e se estendendo às diversas áreas do conhecimento humano.

A separação entre corpo e mente levou a uma progressiva especialização no âmbito científico e, posteriormente, à cisão da mente humana entre intuitiva e racional, com predomínio do componente objetivo e a desatenção ao subjetivo e ao intuitivo. No esforço de solucionar problemas divergentes, o pensamento linear propõe apenas hipóteses simplistas de causa e efeito (CAMPOS, 1997).

Capra explica:

O *cogito* cartesiano, como passou a ser chamado, fez com que Descartes privilegiasse a mente em relação à matéria e levou-o à conclusão de que as duas eram separadas e fundamentalmente diferentes. Assim ele afirmou que “não há nada no conceito de corpo que pertença à mente, e nada na ideia de mente que pertença ao corpo” (CAPRA, 1982, p. 55).

Procurando elaborar uma ciência natural integral, Descartes ampliou sua visão mecanicista da matéria aos organismos vivos e, assim, plantas e animais, e também o ser humano, passaram a ser vistos como simples máquinas. Esse procedimento não somente limitou o campo de pesquisa, como também levou a consequências adversas na forma de abordar, compreender e cuidar dos seres vivos. O método cartesiano nos estudos dos fenômenos naturais influenciou o pensamento científico do ocidente por trezentos anos.

Newton, por fim, reformulou a concepção mecanicista cartesiana da natureza graças a um compêndio dos trabalhos de seus antecessores.

Capra explica:

Na mecânica newtoniana todos os fenômenos físicos estão reduzidos ao movimento de partículas materiais, causado por sua atração mútua, ou seja, pela força da gravidade. O efeito dessa força



sobre uma partícula ou qualquer objeto material é descrito matematicamente pelas equações do movimento enunciadas por Newton, as quais formam a base da mecânica clássica. Foram estabelecidas leis fixas de acordo com as quais os objetos materiais se moviam, e acredita-se que eles explicassem todas as mudanças observadas no mundo físico (CAPRA, 1982, p. 61).

Cientistas e pesquisadores, durante o século XIX, mantiveram o uso do modelo mecanicista do universo em várias áreas, especialmente a psicologia, ciências sociais, biologia e física. Porém, novas descobertas mostraram as restrições do modelo biomédico e prepararam o percurso para as transformações científicas do século XX. Uma das consequências desse fato foi que cada ciência demarcou as limitações da influência cartesiana em sua própria área (CAPRA, 1982).

### 3 O SUCESSO DO MODELO BIOMÉDICO E SEU LADO SOMBRIO

A partir do século XVII o modelo cartesiano da biologia intercalou fracassos e vitórias. W. Harvey se dedicou ao estudo da circulação sanguínea empregando o parâmetro mecanicista. Seus experimentos forneceram análises relevantes e inovadoras no tocante à anatomia e à hidráulica dentro das limitações da época. Todavia, as tentativas de usar o método mecanicista em outras pesquisas sobre o corpo humano, como nos setores da digestão e do metabolismo, se mostraram infrutíferas. Com efeito, as analogias mecânicas não deram suporte para os processos que envolviam fenômenos químicos e elétricos.

O progresso médico retomou fôlego no começo do século XIX, a partir do desenvolvimento de pesquisas na área da biologia, e utilizando-se desses resultados a medicina se aprofundou no conhecimento dos processos fisiológicos especificamente com a contribuição de Claude B. Horner. Dessa maneira, os médicos, fiéis ao modelo cartesiano, se aprofundaram na pesquisa das entidades menores. De um lado, Virchow postulou que várias doenças tinham origem nas mudanças fisiológicas ao nível celular; de outro, Pasteur inaugurou os estudos dos microrganismos.

Os avanços na área da biologia e da medicina no século XIX foram seguidos pelo progresso da tecnologia médica, ocorrendo a invenção de instrumentos como estetoscópios e aparelhos para medir a pressão arterial.

Das conquistas de maior relevância que se deram como consequência do emprego do modelo reducionista, se destaca o desenvolvimento de um grande número de medicamentos e vacinas usadas no tratamento de patologias infecciosas. Por fim o estudo da área endocrinológica possibilitou maior entendimento dos hormônios sexuais, o que levou ao desenvolvimento da pílula anticoncepcional (CAPRA, 1982).

Não obstante isso, Karl Jaspers, em seu livro de 1865, *Il medico nell'era tecnocrática*, expõe algumas reflexões sobre o papel do médico na idade tecnológica e se pergunta qual seria a condição que permite um cuidado médico mais humanizado numa época na qual a medicina está caracterizada por uma

ampla extensão da técnica médica, aquilo que nas palavras do filósofo é a era tecnocrática (MIGUEL, 2014).

A reflexão de Jaspers se mantém atual frente às mudanças causadas pelos avanços técnico-científicos das últimas décadas. O uso massivo das invenções do mundo moderno, como por exemplo, escadas-rolantes, elevadores, carros, controles remotos, causaram mudanças significativas na saúde e no estilo de vida. Além disso, o uso excessivo da telefonia móvel, da internet e o avanço da informática influenciaram as relações pessoais.

Essas transformações afetaram o homem em sua constituição psico-física, pois além das doenças relacionadas ao corpo, como o aumento do sedentarismo, a obesidade, o diabetes e as cardiopatias, surgiram vários transtornos psiquiátricos, como a depressão e a ansiedade.

Neste ponto, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, em *Modernidade Líquida*, mostrou que a desumanização no âmbito da saúde, é um reflexo daquilo que decorre na sociedade em sua inteireza. As pessoas são consideradas mercadorias, as formas de comunicação entre as pessoas se tornam mais difíceis, assim como se multiplicam os problemas do ponto de vista do relacionamento humano.

De acordo com Jaspers, a tecnocracia influencia profundamente não apenas o comportamento do médico, mas, sobretudo, a relação que o paciente tem com sua própria doença. A relação que o médico tem com o paciente está mediada pelo uso dos instrumentos, atrás da máquina não está o médico, mas sim um simples técnico que apenas aciona o aparelho. A relação entre médico e paciente está suspensa, e as questões do paciente não encontram respostas. A visão do pensador alemão é que o abuso do aparato técnico e a falta de participação do médico no desenvolvimento da cura possam levar a uma situação de crise em que a técnica se vira contra o fim para qual foi criada.

O uso dos aparelhos sempre mais avançados, o multiplicar-se dos tipos e subtipos de doenças, e a especialização médica fazem, muitas vezes, com que o médico sinta sua superioridade profissional em relação ao paciente. Isso tem como consequência uma falta de diálogo entre os dois, e o relativo sentimento de abandono que o paciente psiquicamente vive. A este propósito, Jaspers destaca a importância da linguagem e do cuidado não apenas físico, mas também psicológico, com a pessoa atingida pela doença, pois a palavra do médico propicia o estado psíquico, que se torna complementar ao sucesso do medicamento químico.

O problema do uso excessivo ou abusivo da tecnologia pode levar à prática de uma medicina impessoal e privada de linguagem e de contato com o doente que sofre. O que é posto frente ao médico não é um indivíduo, mas uma doença. A voz do médico é relacionada por Jaspers à voz do tirano que manda sem dar razões.

Jaspers (1991) enfatiza a necessidade da medicina recuperar os elementos subjetivos da comunicação entre o médico e o paciente, assumido pela psicanálise e esquecida pela medicina, perseguindo

um caminho baseado exclusivamente na instrumentação técnica e na objetividade de dados (CAPRARA; LINS E SILVA; FRANCO, 1999, p. 648).

A enorme especialização da medicina faz com que se perca a visão holística, que vê o homem como uma unidade orgânica e indissolúvel de corpo e mente. A especialização fragmenta o homem ao ponto de vê-lo como um objeto.

Na obra *Humanização dos Cuidados em Saúde*, Suely Deslandes (2006) destaca alguns aspectos do ato de desumanização no cuidado pelo homem: as pessoas passam a ser tratadas como coisas, não sendo reconhecido o paciente como um sujeito; a desumanização causada pela tecnologia, por meio da qual a relação entre médico e doente é dispensável; a identificação entre a pessoa e sua patologia; o fato de considerar o paciente como uma pessoa sem escolha, um escravo, nas palavras de Platão, o que envolve questões de autonomia de decisão e da liberdade do sujeito. De acordo com ele, uma medicina muda e não holística não leva ao resultado esperado, isto é, um retorno ao estado de saúde, pois aquilo que é considerado como uma imposição será, provavelmente, rejeitado pelo doente. Na visão platônica a postura persuasiva do médico é necessária pelo fato de que a doença é psicológica antes e mais do que física. Ou melhor, a doença é sempre tridimensional: física, psíquica e social (CARONE, 2008).

De acordo com Cassel,

A tarefa da medicina no século XXI será a descoberta da pessoa – encontrar as origens da doença e do sofrimento, com esse conhecimento desenvolver métodos para o alívio da dor e ao mesmo tempo revelar o poder da própria pessoa, assim como nos séculos XIX e XX foi revelado o poder do corpo (CASSEL, 1991, p. 645).

Outro problema da medicina altamente especializada e tecnocrática é o custo, que faz com que nem todos possam recorrer com os próprios recursos à cura necessária.

Não se quer negar o valor e a necessidade das conquistas técnicas e científicas referentes aos cuidados com o homem e que tem como referencial o modelo mecanicista, mas apenas alertar para seu uso excessivo e/ou indiscriminado e suas consequências para a vida do homem, entre elas a desumanização, que aos poucos foi se estabelecendo no cotidiano das ações humanas como um todo.

#### 4 DE VOLTA A UMA VISÃO GLOBAL ENTRE O HOMEM E O SEU ENTORNO

Embora a ideia cartesiana perdurasse, o movimento Romântico, que se desenvolveu entre os séculos XVIII e XIX, determinou uma volta às ideias aristotélicas e os estudiosos repensaram a ideia de natureza como forma orgânica. Wolfgang Goethe foi um pioneiro no uso do termo “morfologia”, utilizado para se

referir à forma biológica, pensada a partir de um ponto de vista dinâmico. De acordo com o estudioso, a natureza está em movimento e respeita um modelo de relações no interior de uma totalidade altamente organizada.

No século XX a Biologia Organísmica se opõe frontalmente ao modelo mecanicista e tem forte influência na formação do pensamento sistêmico.

Segundo a concepção Organísmica, as propriedades essenciais de um organismo pertencem ao todo, de maneira que nenhuma das partes as possuem, de maneira que tais propriedades surgem justamente das interações entre as partes. Portanto, as propriedades das partes podem ser entendidas apenas a partir da organização do todo. O organicismo coloca o foco no entendimento das relações organizadoras sendo que a concepção de organização foi aperfeiçoada posteriormente com o conceito de auto-organização (GOMES; AZEREDO BOLZE; BUENO; CREPALDI, 2014, p. 5).

A partir de 1920, a crítica ao mecanicismo toma mais força e se reflete nas teorias do biólogo Bertalanffy. Os estudos por ele dirigidos levam à descoberta de uma ideia de sistema como complexo de elementos em estado de ininterrupta interação. A relação constante entre os elementos os torna necessariamente interdependentes. Este modelo deixa claramente ver a distância que existe entre a ideia de sistema e a ideia de um conjunto de partes unidas, mas independentes. No caso do sistema, o todo se dá além da existência das partes. Assim sendo, seja talvez mais correto utilizar o termo “globalidade” para distinguir aquilo que se passa entre um conjunto orgânico de elementos e a soma de elementos. De acordo com a ideia de “globalidade”, um sistema funciona como um organismo fortemente unido no qual a mudança de uma parte repercute necessariamente nas outras e na totalidade. A homeostase é exatamente o processo que regula a estabilidade do sistema, evitando que uma parte tenha supremacia nas outras e provoque o desequilíbrio e a doença.

A partir da década de 1950, a ideia de globalidade vem ganhando força também nas práticas sociais, econômicas e políticas, que redundaram em mudanças no modo de educar, ver e cuidar do homem. Nas últimas décadas do século XX, prosseguindo nesses primeiros anos do século XXI, o modelo global se tornou alvo de estudos também entre os médicos e, mais em geral, entre os profissionais de saúde. Sensíveis às críticas de Jaspers e de outros intelectuais a um modelo mecanicista e demasiado simplista, os especialistas no âmbito do cuidado do homem levaram a tema de estudo o interesse para uma humanização da prática médica.

Na época contemporânea, a valoração da dimensão subjetiva da pessoa é prerrogativa da Política Nacional de Humanização, a qual faz parte de um fenômeno global que se desenvolveu a partir da década dos anos 80 do século XX. A Política Nacional de Humanização foi proposta em 2003, e em 2019 já completa dezesseis anos. A ideia que permeia a proposta é de articular os avanços tecnológicos promovidos no modelo biomédico com um melhor relacionamento entre os profissionais de saúde e pacientes.

A eficiência técnico-científica e a racionalidade administrativa nos serviços de saúde, quando desacompanhadas de princípios e valores como a solidariedade, o respeito, a ética na relação entre profissionais e usuários, não são suficientes para a conquista da qualidade no atendimento à saúde (BRASIL, 2013, p. 11).

Com o termo “humanização”, as novas políticas se referem a um valor em que é colocado em destaque o respeito pela vida humana. O termo não está restrito às circunstâncias médicas, mas abrange também o âmbito social, ético, educacional e psíquico, presentes nas relações humanas. Os especialistas envolvidos no projeto não desmerecem o valor dos aspectos técnico-científicos que privilegiam a objetividade e a especialização do saber. Com relação ao lado mais propriamente técnico, a ideia de humanização se coloca como um lado complementar e cada vez mais necessário (BRASIL, 2013, 52).

A assistência humanizada tem como objetivo levar em consideração a pessoa em sua inteireza, nas esferas física, mental e espiritual. Interessante é a observação de Miguel (2014) que destaca a importância de pensar numa ampliação da formação dos profissionais de saúde.

No nível da formação dos novos profissionais de saúde, debates sobre a inserção das Humanidades Médicas (Filosofia, Ética, Artes, História, Antropologia, Teologia e Direito) no currículo de pós-graduação médicas tornaram-se um assunto candente nos EUA quanto na Europa, especialmente no Reino Unido. [...]. A ideia de fundo é a mesma: o entendimento de que o estudo das Humanidades seria imprescindível à formação de “bons médicos”, isto é, aqueles profissionais aptos a demonstrar as qualidades mais atavicamente humanas, tais como compreensão, capacidade interpretativa, comunicacional e sensibilidade ética, ao invés de apenas analisar e categorizar os pacientes através das lentes duras e frias da ciência, sob critérios de sintomas e doenças (MIGUEL, 2014, p. 19).

Entre as características que chamam atenção nos autores que abordam o assunto da humanização, sobressai, no entender de Gomes (2010), a multiplicidade de entendimento sobre o tema, o que decorre das diferentes interpelações seja teórica, seja metodológica, referentes a esse processo.

A humanização reconhece o campo das subjetividades como a instância fundamental para a melhor compreensão dos problemas e para a busca de soluções compartilhadas. Participação, autonomia, responsabilidade e atitude solidária são valores que caracterizam esse modo de fazer saúde que resulta, ao final, em mais qualidade na atenção e melhores condições de trabalho. Sua essência é a aliança da competência técnica e tecnologia com a competência ética e relacional. (RIOS 2009, p. 254 e 255).

Atualmente, a humanização se estabelece como uma estimulante área de pesquisa e inovação no campo da saúde, seja na elaboração teórica, seja nas questões práticas do cotidiano das ações que envolvem pacientes e profissionais e

toda gama de situações na área social, administrativa, ambiental e outras que influenciam nessa relação<sup>6</sup>.

## CONCLUSÃO

O objetivo de nosso estudo foi de apresentar sucintamente as etapas principais da visão antropológica holística a partir de sua origem, sua perda e sua recuperação, respectivamente na Antiguidade Clássica, na Época Moderna e na Época Contemporânea.

Para alcançar o objetivo, temos utilizado, em primeiro lugar, algumas passagens dos tratados hipocráticos e do diálogo platônico *Timeu*; em seguida, observamos a perda da visão holística a favor da visão mecanicista cartesiana através das lentes de Capra. Na época contemporânea, é interessante notar como a volta à visão holística é alvo de debate nos meios políticos da saúde pública brasileira. Com efeito, as diretivas da Política nacional de Humanização (PNH) têm como fim analisar os aspectos políticos da humanização e promover senso crítico no profissional da assistência.

## REFERÊNCIAS

- ANNAS J. *The morality of happiness*. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- BALESTRIN M. F. & BARROS, A. B. M. A relação entre concepção do processo saúde-doença e a identificação/hierarquização das necessidades em saúde. *Voos. Revista eletrônica Polidisciplinar da faculdade de Guairacá*. Paraná: Curso de Serviço Social, v.1, jul. 2009.
- BAUMAN Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro, Zahar 2001.
- BRASIL. *Política nacional de humanização*. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
- BRISSON L. & MACÉ A. O mundo e os corpos. In: FRONTERROTTA F. e BRISSON L. (orgs.). *Platão: Leituras*. Tradução João Carlos Nogueira. São Paulo: Loyola, 2011.
- CAMPOS A. M. Contribuição para o resgate da relevância do conhecimento para a administração. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 105-127, 1997.
- CAPRA F. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- \_\_\_\_\_. *A Teia da Vida. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CAPRARA A. & LINS E SILVA FRANCO A. A Relação paciente-médico: para uma humanização da prática médica. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 15, n. 3, jul./set. 1999.

<sup>6</sup> Como explica Rios: “Sob vários olhares, a humanização pode ser compreendida como: Princípio de conduta de base humanística e ética; movimento contra a violência institucional na área da saúde; metodologia auxiliar para a gestão participativa” (2009, p. 254).

- CARONE G. *A cosmologia de Platão e suas dimensões éticas*. São Paulo: Loyola, 2008.
- CASERTANO G. *Paradigmas de verdade em Platão*. São Paulo: Loyola 2010.
- CASSEL E. *The nature of suffering and the goals of medicine*. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- DESLANDES S. F. Análise do discurso oficial de assistência hospitalar. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 9, n. 1, p. 7-13, 2004.
- \_\_\_\_\_. O projeto ético-político da humanização: conceitos, métodos e identidade. *Interface – Comunicação, Saúde e Educação*, v. 9, n. 7, p. 389-406, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Humanização dos cuidados em saúde: conceitos, dilemas e práticas* (org.). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.
- ERDMANN LORENZINI A. As organizações de saúde na perspectiva da complexidade dos sistemas de cuidado. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 57, n. 4, 2004.
- FOUCAULT M. *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.
- GOMES B. L. & BOLZE AZEREDO S. & BUENO KINAS R. & CREPALDI M. A. As origens do Pensamento Sistêmico: das partes para o todo. *Pensando Famílias*, v. 18, n. 2., p. 3-16, dez. 2014.
- GOMES MIRANDA R. *Trabalho médico e alienação: as transformações das práticas médicas e suas implicações para os processos de humanização/desumanização do trabalho em saúde*. Tese de Doutorado. São Paulo, 2010.
- FRIAS MIRANDA I. *Doença do corpo e doença da alma: medicina e filosofia na Grécia clássica*. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2005.
- GADAMER H-G. *O caráter oculto da saúde*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- GARCIA SOLER M. J. Nourriture et santé dans la médecine grecque Ancienne [no original, “La alimentación y la salud en la Grecia antigua”]. Vitarte. *Revista Cuadrimestral de humanidades*, v. 34, p. 5-20, 2004.
- LE MOIGNE, J-L. A inteligência da complexidade. In: PENA-VEJA e NASCIMENTO E. P. (org). *O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- MARCONDES D. *Iniciação à história da Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar 2005.
- MIGLIORI F. Il problema della generazione nel Timeo. In: NARALI C. e MASO S. (org.). *Plato Physicus. Cosmologia e antropologia nel Timeo*. Amsterdam: Hakkert 2003. p. 97-121.
- MIGUEL PEREIRA R. *A arqueologia de uma babel moderna. Fundamentos histórico-filosóficos da política nacional de humanização*. Tese de doutorado. Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, 2014.

MORIN E. *A inteligência da complexidade*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Petrópolis, 2000.

RIOS I. C. Humanização: a essência da ação técnica e ética nas práticas de saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 33, n. 2, p. 253-261, 2009.

ROBINSON T. M. *A Psicologia de Platão*. São Paulo: Loyola, 2007.

SANTOS L. M. L. & PELOSI E. M. & OLIVEIRA C. S. C. M. Teoria da Complexidade e as múltiplas abordagens para compreender a realidade social. *Serviço Social em Revista*, v. 14, n. 2, p. 47-72, 2012.

SCHRAIBER L. B. *O médico e seu trabalho: Limites da liberdade*. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

SCLIAR, M. História do conceito de saúde. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, vol. 17, n. 1, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttex&pid=S0103-3312007000100003&Ing=pt&userID=2>>. Acesso em: setembro 2018.

SIQUEIRA-BATISTA R. & SCHRAMM F. R. Platão e a medicina. *História, Ciência e Saúde*, v. 11, n. 3, p. 610-634, set./dez. 2004.

Recebido em: 08-01-2018

Aceito para publicação em: 12-12-19